

O humor e a intertextualidade

Maria Cristina de Moraes Taffarello*

RESUMO

Lidando com um texto longo de humor político, que explora o recurso da intertextualidade, nosso propósito é apontar a complexidade desse tipo de texto para o estudo não só de questões básicas em Linguística, mas também em Análise do Discurso e Pragmática.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; script; intertextualidade; polifonia; ironia.

ABSTRACT

Dealing with a long text of political humor, which explore the resource of intertextuality, our purpose is to point out the relevance of this type of text for studying not only the basic issues in Linguistics, but also in Discourse Analysis and Pragmatics.

KEY-WORDS: discourse; script; intertextuality; polyphony; irony.

INTRODUÇÃO

Nossos objeto de análise é um texto de Jô Soares (1992:8): *L'année dernière à Araxá*, ricamente explorado pelo recurso da intertextualidade. Publicado durante a presidência de Fernando Collor de Mello, é inevitável que fatos e nomes da época venham à tona.

Segundo Barthes (1974): "O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem ao redor do texto considerado e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto, outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis." Essa citação, ao revelar que o texto é um objeto heterogêneo, testemunha o que a Análise do Discurso denomina intertextualidade. Demonstrar tal fenômeno será nosso objetivo primeiro.

ALGUNS FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Authier-Revuz (1982), apoiando-se na noção de dialogismo do círculo bakhtiniano, segundo o qual as palavras são sempre as palavras dos outros, desenvolve uma análise crítica do que denomina "heterogeneidade mostrada". Recorre a um "exterior pertinente" para o campo lingüístico da enunciação e propõe uma descrição dessa heterogeneidade como forma lingüística de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva de

*Mestre e Doutoranda em Linguística pela UNICAMP. Professora de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta. Professora do curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira das Faculdades Padre Anchieta.

seu discurso. Maingueneau (1993:75), por sua vez, retoma essa mesma noção, mostrando que ela “incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação”; tal heterogeneidade se revela através de vários fenômenos, como a *polifonia*, abrangendo a ironia e a intertextualidade, a qual nos interessa particularmente.

Ducrot (1987), por outro lado, considera dois tipos de polifonia: a) intertextualidade explícita (discurso relatado, citações, referências, argumentação por autoridade etc.): quando, no mesmo enunciado, há mais de um locutor, responsável pelo enunciado; b) intertextualidade implícita: quando, no mesmo enunciado, há mais de um enunciatador. Com base nessa visão pragmática de Ducrot, que entende o sentido de um enunciado como uma representação (no sentido teatral) de sua enunciação, Maingueneau (1993:77) explica também a polifonia como um mecanismo que leva a distinguir, numa enunciação, dois tipos de personagens: os enunciatadores e os locutores. Define ainda o enunciado irônico como aquele que “faz ouvir uma voz diferente da do ‘locutor’, a voz de um ‘enunciatador’ que expressa um ponto de vista insustentável. O ‘locutor’ assume as palavras, mas não o ponto de vista que elas representam.”

A coerência dessas várias considerações nos impulsiona a optar por uma análise que evidencie o plurilingüismo do discurso humorístico. Bakhtin (1993:108) declara: “O estilo humorístico exige esse movimento vivo do autor em relação à língua e vice-versa, essa mudança constante da distância e a sucessiva passagem de luz para a sombra ora de uns, ora de outros momentos da linguagem.” Queremos conhecer tal movimento, pretendemos explicar como se ri, embora isso possa parecer tão sem graça.

Como vamos analisar um texto de humor político, nos apoiaremos ainda na visão semântica de humor desenvolvida por Raskin (1987:17), segundo o qual os componentes de uma piada são: a) uma mudança do modo de comunicação *bona-fide* (isto é, confiável) para o não *bona-fide*; b) o texto ser intencionalmente chistoso; c) dois *scripts*¹ (parcialmente) sobrepostos compatíveis com o texto; d) uma relação de oposição entre os dois *scripts*; e) um gatilho, óbvio ou implícito, entre os dois *scripts*.

Faremos também alusão à noção de *coerência* chamada “global” (Koch e Travaglia, 1990), em particular às noções de conhecimento partilhado, conhecimento do mundo, referência, situacionalidade e, particularmente, de intertextualidade.

1. A noção de *script* é usada, sobretudo na área de Lingüística Textual, como um dos diversos tipos de modelo cognitivo, ou seja, um feixe estruturado e formalizado de informação semântica inter-relacionada. Koch e Travaglia (1990:60) esclarecem tal noção como “conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, os rituais religiosos (batismo, casamento, missa), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.”

3.A INTERTEXTUALIDADE NUMA PRÁTICA DISCURSIVO-PRAGMÁTICA

Por ser um texto de humor (em anexo) publicado na época do mandato de um presidente, não há como deixar de associar os nomes próprios de dois ex-presidentes, Collor e Itamar, aos próprios políticos. Além disso, como o *script* em causa é que uma pessoa que ocupa um cargo político deve ser boa (enquanto pessoa política, é claro), a sua oposição passa a ser a sua própria negação, isto é, a oposição do tipo bom / mau desempenho.

A análise mostra que, fora o título, poderíamos dividir esse texto em vários pequenos textos de humor, mais ou menos independentes. Essa relativa independência talvez se deva ao fato de esse texto ser, além de narrativo, muito mais descritivo, o que não exige uma ordem na simultaneidade dos fatos-descrições. Além disso, esses minitextos são mais ou menos engraçados, conforme o ouvinte / leitor consiga perceber a aproximação maior ou menor entre os *scripts* assessores e seu macroscript, como tentaremos demonstrar. Eis os minitextos:

(1) de *Finalmente a nem mesmo o presidente*

(2) de *Já tivemos a vice*

(3) de *A escolha a desforra*

(4) de *Em Araxá a sertaneja*

(5) de *Espero sinceramente a maratona*

(6) de *Ao ver a volupté*

(7) de *Sabendo ao final*

Nesse texto, a primeira coisa que nos chama a atenção é o título em francês. “*L’année dernière à Araxá*”. O título normalmente é parte fundamental de um texto; no de humor, porém, parece atuar de maneira singular. Fazendo parte dos chamados fatores coerentes de contextualização, um título humorístico, segundo Koch e Travaglia (1990: 68), ao invés de permitir ao interlocutor prever o assunto, parece procurar despistá-lo intencionalmente. Mas seria este um exemplo de fator não-prospectivo ou não-prospectivo, isto é, que impediria avançar “expectativas sobre o conteúdo – e também a forma – do texto: título, autor, início do texto.”? Cremos que não, pela ironia que envolve todo o texto, inclusive seu título: o locutor o enuncia em francês, levando implicitamente a entender (pelo menos em uma sociedade não muito desenvolvida) que se trata de assunto importante, de *status* e cultura, embora, por trás disso, deixe transparecer a opinião de um enunciador que quer dizer que todo o texto não passa de enganações e aparências, como veremos. Poder-se-ia

sugerir a oposição de *scripts* como cultura e seu oposto, falsa cultura? É provável.

Parece-nos que, na verdade, a ironia está atuando como forte elemento de coerência humorístico-textual, a partir de elementos coesivos que ajudam a tricotá-la. Brait (1996:65) considera que “a ironia só pode ser detectada na medida em que dois enunciados forem tomados como uma unidade coerente, que tem alguns elementos de coesão instauradores dessa coerência.” Além disso, a autora retoma Orecchioni (1978, apud Brait, 1996:62) e concorda com a definição de ironia verbal como aquela que implica um trio actancial: o locutor (A¹) que dirige um certo discurso para um receptor (A²), para caçoar de um terceiro (A³) que é o alvo da ironia. Mas, enquanto Orecchioni se limita a trechos isolados, Brait alerta para a necessidade de ver a leitura irônica estender-se para o texto como um todo: o enunciador, “via narrador e demais artifícios possíveis para a construção de um texto irônico, estabelece a convivência com o destinatário, no sentido de ambigüizar o relato oficial [de um texto jornalístico, no caso] e abrir possibilidades, ainda que jocosamente colocadas, para novas leituras em torno do mesmo episódio.” Em relação aos nossos textos, dispensamos o “ainda que” e frisamos o “jocosamente”.

Nessa ampliação de leituras, possibilitada pela ironia, destaca-se o importante recurso da intertextualidade: tal título parodia o de um filme de Alain Resnais (*L'année dernière à Marienbad*), da época da “nouvelle vague”. É um filme bastante sofisticado, do ponto de vista das inovações técnicas, mas, ao mesmo tempo, é um filme que retrata a difícil relação do protagonista com sua memória afetiva, com sua existência, com o tempo e com o espaço. Infere-se, por consequência, a existência de um “jogo” do presente do presidente e da seqüência “o ano passado”: estaria ele fora da realidade ou, o que é pior, da realidade de um presidente? Essa relação de confronto entre um personagem fictício de outra época e outro espaço permite a convergência de dois protagonistas – o do filme e o presidente – provocando o riso.

Em relação ao primeiro minitexto, outro intrigante fator de contextualização, mas aparentemente às avessas, é a primeira palavra: *Finalmente*. Se a leitura de um texto é “uma atividade de solução de problemas” (Koch e Travaglia, 1990:69 e Koch, 1993:72), como podemos começá-lo por um elemento de coesão que normalmente o encerraria? Esse texto não teria começo? Maingueneau (1993:179) dispensa o estudo do valor cronológico do conectivo *finalmente*, privilegiando o argumentativo; tal valor se manifesta na medida em que, ao realizar a *conclusão* de um movimento enunciativo, *finalmente* serve para “assegurar coerência ao final”, colocando os enunciados anteriores como coorientados em relação àqueles que devem servir de conclusão.” Estaria inserido num processo de “retrointerpretação” de um movimento discursivo com propósitos contraditórios, já que, ao mesmo tempo, legitima e resolve a contradição. Exemplo: “É voz corrente que a pobreza aumenta (P); constato que as praias estão sempre igualmente lotadas (Q). Finalmente, as coisas não estão tão mal assim (R).” (idem, p. 180). Ao solucionar positivamente, neste caso, os dois propósitos argumentativos, *finalmente* evidencia o domínio do locutor sobre seu próprio discurso.

Mas, onde estaria a contradição argumentativa se *finalmente* introduz o texto? Concluimos que o advérbio *finalmente*, nesse enunciado, faz pressupor a seguinte situação prévia: quem trabalha muito precisa descansar (P)²; constato que o presidente trabalha muito e não tem descansado (Q). Finalmente o presidente Collor vai descansar (R). Nota-se que o início de nosso texto, através do uso de *finalmente*, assegura a homogeneidade de um movimento contraditório anterior, resolvido, aparentemente, de forma positiva. Dizemos aparentemente porque, na verdade, a ironia, sustentada pelo locutor através de um enunciador galhofeiro, deixa entrever justamente o inverso: quem não trabalha muito não precisa descansar (P); constato que o presidente não trabalha quase nada e gosta de descansar (Q). Finalmente o presidente Collor deveria trabalhar (R). É fácil perceber a oposição entre um discurso, que se instala irônica e deonticamente³ à sombra aparente de outro discurso, enunciado pelo locutor. Sendo assim, o advérbio *finalmente* pode ser reinterpretado argumentativamente por: “*costumeiramente*”, “*como sempre*”, “*não estranhe se*” etc. Dessa forma, nota-se a atuação de um sujeito-autor, no caso Jô, que, através de um texto humorístico, tem licença de usar máscaras, mas com estilo próprio, deixando transparecer outro discurso sob o discurso enunciado, imprimindo uma marca pessoal num já-dito.

Tal atitude irônica mantém-se para outros elementos, ou seja: “*mui querido*” permite a leitura de “*mui odiado*”; “*merecidas férias*” significa “*não merecidas*”; “*Como é dura a vida de um vice*” (referindo-se a Itamar) significa “*como é mole a vida de um vice*”; “*profundas reflexões*” significa “*superficiais reflexões*”; “*dinâmico chefe*” significa “*chefe inerte*” (mas dinâmico nos exercícios físicos, leitura detectável do resto do texto). Esse confronto de discursos inscrito por detrás de um jogo de palavras antônimas mostra que Jô sabe bem como manipular seus gatilhos.

No término desse primeiro minitexto, destacamos ainda o uso de *nem mesmo* (*ninguém é de ferro, nem mesmo o presidente*), cujo valor argumentativo se mede em escala (Ducrot, 1981): se p e p', numa ordem crescente de força, são argumentativa da conclusão r, ~p' (não-p') e ~p (não-p), nessa ordem crescente de força, são da escala da conclusão ~r (não-r). Mas o interessante aqui é notar a paráfrase presente nessas expressões: “ninguém é de ferro, nem mesmo o presidente” é equivalente a “todos se cansam de trabalhar, até mesmo o presidente”, argumento mais forte para a mesma conclusão: as férias são merecidas. Já vimos que a leitura irônica impõe, retroativamente, uma segunda interpretação, o que pode

2 Pé, na verdade, um *topos*, o que garante seu valor argumentativo. A noção de *topos* (plural *topoi*), lugar comum argumentativo, foi emprestada de Aristóteles e desenvolvida por Ducrot (1989). Apresenta três propriedades básicas: universalidade, generalidade e natureza gradual. Exemplificando: *Está fazendo calor, vamos à praia* apresenta o *topos*: “o calor torna a praia agradável”.

3 O termo “deonticamente” nos remete à noção de modalidade, ou seja, atitude do locutor perante o enunciado que produz. Tal modalidade pode ser alética (refere-se ao eixo da existência); deôntica (refere-se ao eixo da conduta, ao que se deve fazer) e epistêmica (refere-se ao eixo da crença, ao conhecimento de um estado de coisa). A esse respeito, conferir Guimarães (1987) e Koch (1987).

ser classificado de gatilho contraditório: o enunciador já deixou as pistas para a interpretação de que o presidente, na realidade, deveria trabalhar mais. E o par de antônimos construído nesse minitexto é presidente trabalhador / preguiçoso, ainda perpassados pelo *script* bom / mau. É fácil, mais uma vez, perceber a oposição entre o mundo irreal, que se instala irônica e deonticamente à sombra aparente do mundo real, enunciado pelo locutor.

No segundo minitexto, convém observarmos as letras maiúsculas, enfatizando expressões antônimas: PRESIDENTE EM EXERCÍCIO / PRESIDENTE EM REPOUSO. Quando uma pessoa ocupa determinado cargo em exercício, significa que provisoriamente, mas por direito, exerce esse cargo, substituindo outra pessoa que efetivamente o exerce. A palavra *exercício*, porém, por uma ambigüidade dita regular, é polissêmica de “*atividade física*”, “*ginástica*”. A diferença entre estar em exercício ou em repouso passa a ser tão sutil que praticamente se anula. Portanto, com o auxílio da ironia, aciona-se o gatilho da ambigüidade que nos faz passar de um mundo ideal, em que presidente deve mesmo repousar, para um mundo real - de repouso permanente - e este persiste, como uma sombra do outro (e aqui se explica melhor a ironia deontica na escala argumentativa do *nem mesmo*, embora às avessas em relação ao mundo real / irreal.). O *script* que se delinea agora é o da oposição trabalho / lazer, sendo que esta oposição permite uma leitura retroativa sobre o primeiro minitexto, já que o recobre parcialmente, alterando o par de antônimos trabalhador / preguiçoso para trabalhador / ativo fisicamente; em outras palavras, em vez de trabalhar como deveria, faz freqüentemente exercícios físicos.

E o que se espera de um presidente em exercício num país democrático? No mínimo que trabalhe pelo crescimento e bem-estar da população, sem privilégios pessoais ou fisiologismo. E de um presidente em repouso? Nada além do que faz a maioria dos mortais: explorar as formas de lazer (ou de prazer) que estiverem a seu alcance. Portanto, nada mais justo que um chefe de nação desfrute de um bom hotel. Aliás isso é também ironicamente salientado pela intertextualidade explícita da citação do “*L’invitation au voyage*” de Baudelaire (sexto minitexto).

Nesse texto, portanto, delimitados pela situação dicotômica real / irreal, é fácil perceber a oposição dos *scripts* bom / mau (comum no humor político, como visto) ou a probabilidade (por enquanto) do par de *scripts* cultura / falsa cultura; além disso, sugerimos que esse texto seja orientado pelos macroscrips opostos: trabalho / exercício físico, ou melhor, competência / incompetência, já que se trata de um presidente que parece se preocupar mais com o físico do que com a nação. Além disso, esta última oposição se sustenta, considerando que, na verdade, a postura irônica do locutor tem como alvo não só a figura de um presidente, mas a política como um todo. Temos um caso de transferência de ataque, já que a ironia amplia o alvo individual para o institucional.

No prosseguimento da análise dos demais minitextos, os *scripts* bom / mau emergem sobretudo na descrição do presidente, onde se acentuam suas tendênci-

as negativas, ou seja: “levado à força pelos pais” mostra sua teimosia; “desforra” mostra sua maldade e vingança (ambos no terceiro minitexto). No quarto minitexto, além da antonímia, já comentada, entre *profundas / superficiais reflexões*, surge por inferência a oposição entre *profundas reflexões / música sertaneja*, baseada em nosso conhecimento de música sertaneja que, normalmente, não exige reflexão alguma (seria isso muito engraçado?). Sua mania de atleta se infere também de: “transformando o repouso em maratona” (quinto minitexto).

O texto parece alcançar um clímax de humor na sua última parte, que começa assim: *Sabendo que as férias são curtas, mas conhecendo sua capacidade extraordinária de devorar informações*, como um dos poucos pontos positivos de sua personalidade. O elemento coesivo *mas*, se estivesse num texto comum, ou melhor, de comunicação *bona-fide*, apresentaria a seguinte orientação argumentativa e descrição polifônica (Guimarães, 1987:120): se $X (A) \text{ mas } Y (B)^4$, então com X , *mas Y*, estabelece-se como um começo sobre o qual se dirá algo, $A \text{ } r$ (férias curtas pouca leitura). E aquilo que se diz a partir desse começo estabelecido é que $B \text{ } \sim r$ (capacidade extraordinária de leitura muita leitura) que predomina. Ou seja, o locutor estabelece com seu alocutário um começo (tema) e se opõe a ele em seguida. A perspectiva de E_1 nega a perspectiva de E_0 . Mas, por ser um texto irônico, isso ocorre inversamente, pois B significa $\sim B$ (pouca capacidade de leitura) que leva à dúvida quanto a $\sim r$. O *script* da falsa cultura agora desponta com força, sustentado pelo macroscrip da competência / incompetência.

Referimo-nos acima ao clímax do humor porque, nesta parte, o recurso da intertextualidade, manifestando-se através da citação irônica, aparentemente disposta caoticamente, de vários títulos de livros, tal recurso é que garante a manifestação hegemônica do macroscrip da incompetência na tessitura da própria coerência textual e humorística. Como veremos, é justamente a enumeração caótica e extensa desses títulos de autoria variada a responsável pela unidade significativa desse segmento do texto:

- *Como fazer amigos e influenciar pessoas* (Dole Carnegie) nos remete às influências e *lobbies* do presidente. Só para ilustrar, eis alguns fatos ocorridos em 1990, extraídos de Conti (1999): 3 de outubro: eleições para os governos estaduais, Câmara Federal, Senado e Assembleias Legislativas, nas quais vários candidatos foram financiados por Paulo César Farias (PC), tesoureiro da campanha de Collor; 19 de outubro: Luís Otávio da Motta Veiga sai da presidência da Petrobrás e denuncia as pressões de PC e do cunhado, diplomata e sociólogo Marcos Coimbra, para que ajudasse Wagner Canhedo (o qual comprara a Vasp com cheques de PC, no dia 4 de setembro). Portanto um livro que, pelo nosso conhecimento de mundo, deve ter por objetivo primordial agir positivamente, isto é, em prol da sociedade, no senti-

4 $X \text{ mas } Y$ distingue-se de $A \text{ mas } B$, pois o *mas* não opera necessariamente sobre todos os elementos contidos em X ou em Y , mas apenas sobre certos elementos semânticos A e B , os quais se juntam a outros para constituir X e Y . Para melhor esclarecimento, ver o próprio Guimarães (1987) e Kock (1987:108).

do pessoal e profissional, tal livro passa a servir, ironicamente, a interesses parcos e levianos de políticos – no caso o presidente – que só pensam em si mesmos. Num sentido amplo, um discurso de auto-ajuda deixa entrever, num diferente plano de leitura, a negatividade, pela compreensão estritamente egoísta dessa mesma auto-ajuda. Oferecem apoio a essa crítica tanto os títulos *Todos os homens do Presidente* (C. Bernstein & B. Woodward) e *O negociador* (Frederick Forsyth).

- *O empalhador de passarinho* (Mario de Andrade) utiliza o gatilho da ambigüidade em relação aos dois nomes polissêmicos: *empalhador*, que, literalmente, é a pessoa que enche de palha a pele de um animal morto, neste caso se metaforiza em aquele que impede um indivíduo de fazer alguma coisa. E quem é esse indivíduo, se o substantivo *empalhador* tem como escopo o segundo nome, *passarinho*, com o traço significativo [+ ave] ? Sem dificuldade nos reportamos ao nome próprio Passarinho, ou melhor, Jarbas Gonçalves Passarinho, senador que foi Ministro da Justiça de Collor após a demissão de Bernardo Cabral, em 13 de outubro de 1990: “ ‘Nenhuma pessoa que ocupou cargos ministeriais em outros governos fará parte do meu governo’ , avisava Collor antes de tomar posse. E colocou no Ministério da Justiça o senador Passarinho, ministro da ditadura nos governos de Costa e Silva, Médici e Figueiredo.” (Conti, 1999:399). Não importam as razões, mas Passarinho também deixou esse ministério em 2 de fevereiro de 1992. Desse título se acaba inferindo, com a imposição irônica tanto do discurso quanto do destino, a atitude ditatorial de um presidente, democraticamente eleito, que forçou a saída de seu ministro, outrora a serviço da ditadura.

- *A construção da personagem* (Constantin Stanislavski), título que conduz, nesse contexto humorístico, à leitura do incessante esforço do presidente para construir uma imagem presidencial ideal. Bem a propósito se destaca esta passagem de Conti (1999: 337): “A imagem dele, tal como transmitida pela imprensa, não formava um todo coerente. O presidente juntava símbolos da juventude (foi fotografado de camiseta, tênis e abrigo), de esportista (corria, jogava futebol e vôlei), de religioso (aparecia contrito ao lado de Frei Damião), de ecologista (visitando a Amazônia), de playboy (pilotando motocicleta e jet-ski), de intelectual (carregando um livro de Norberto Bobbio), de soldado (uniformizado como Rambo) e de rico consumista (usando gravatas Hermès, tomando uísque Logan e fumando charutos cubanos). Dessa maneira, novamente, o hábil gatilho da ambigüidade, trabalhando a favor do humor, deixa entrever, por trás do sentido metalingüístico do título original, o sentido crítico que brota da confluência de diferentes campos discursivos: juventude, esporte, religião, ecologia, intelectualidade, militarismo e consumismo. Embora essa personagem forjada pareça incoerente no mundo real, como afirma Conti, passa a ter coerência no mundo fictício do humor, já que este permite visualizar um traço de sentido crítico, comum a todos esses campos discursivos: o exibicionismo ridículo a construir uma personagem. O título *Em busca do tempo perdido* (Marcel Proust) também se relaciona significativamente com este: não é qualquer pessoa que consegue ser e fazer tanta coisa ao mesmo tempo, como a compensar o fato de não as

ter feito antes. A relação de oposição entre os *scripts* da competência / incompetência se evidencia novamente em relação ao protagonista.

- *A fogueira das vaidades* (Tom Wolfe) é um título em estreita relação significativa com o anterior, salvo o realce dado ao nome *vaidade*, que Aurélio B. de H. Ferreira, no *Novo dicionário básico da língua portuguesa* (editado pela *Folha de S. Paulo*), descreve do seguinte modo: “1. Qualidade do que é vão, ilusório, instável ou pouco duradouro. 2. Desejo imoderado de atrair a admiração ou homenagens. 3. V. *vanglória* 4. Presunção, fatuidade. 5. Coisa fútil ou insignificante; frivolidade, futilidade, tolice.” O fato de o termo *vaidade* estar inserido no escopo da metáfora *fogueira*, formando assim um só sintagma, pode conduzir, por projeção semântica, às interpretações 1 e 4 (destacando o sinônimo *fatuidade*), pois *fogueira* remete a *ardor*, *ímpeto*, *entusiasmo*, *paixão*, normalmente efêmeros (veja-se a expressão “fogo de palha”, por exemplo). Se essa interpretação for a desejada, desnuda um enunciador ao mesmo tempo criativo e crítico, a fazer uma leitura reveladora e profética dos acontecimentos da história brasileira: o *impeachment*. A essas revelações podemos anexar um outro título: *Se houver amanhã* (Sidney Sheldon). Mas tal sintagma não exclui totalmente os sinônimos 2, 3 e 5, pois *fogueira* remete ainda a *exaltação*, termo que tanto pode ser interpretado num sentido positivo (*sobreexcitação do espírito; ação de levar ao mais alto grau de energia; ato ou efeito de sublimar, de tornar grandioso*), como negativo (*ato de vangloriar-se, jactar-se, ufanar-se em demasia ou sem razão*). Com certeza, o sentido negativo prevalece nessa ambigüidade, privilegiando o *script* da vaidade contra o da humildade, perpassados pelo *script* da incompetência (no sentido, como vimos, de deixar de fazer o que deveria, isto é, governar bem, para dedicar-se em excesso ao que não precisaria: esporte, vaidade, superstição, lobby etc.). O título *Levantado do chão* (José Saramago) tem íntima relação com esta análise.

- *O mago* (Paulo Coelho) e *Tenda dos milagres* (Jorge Amado) são dois títulos que, por um gatilho ambíguo, permitem uma leitura de crítica a uma determinada concepção de política, isto é, ao fato de os eleitores aguardarem soluções milagrosas, que na verdade não se concretizam. E o *script* da competência / incompetência vai-se sustentando.

- *Viva o povo brasileiro* (João Ubaldo) junta a voz de seu autor, o eminente escritor baiano, cientista político e jornalista, à do povo que se manifestava maciçamente contra um (des)governo. Não se pode esquecer, é claro, da voz de Jô, bastante consciente do título escolhido: em 1987, esse livro fora escolhido como samba-enredo da escola Império da Tijuca, o que demonstra, em parte, sua popularidade. É um título que expõe a expressão de um povo desiludido com a falta de uma política eficiente.

- *A cidade das redes* (Otto Friedrich): nesse título, a polissemia da palavra *rede* pode levar a várias interpretações, a saber: rede de pesca (lembrando que Collor era de Maceió, capital praiana); cilada, armadilha (remetendo aos esquemas de corrupção); o conjunto dos meios de comunicação (lembrando que a família

Collor era dona de *A Gazeta de Alagoas*, tendo alguns privilégios na manipulação das notícias). E qualquer uma dessas interpretações é interessante no seu efeito humorístico, evidenciando o par de *scripts* bom / mau governante.

- *Cem anos de solidão* (Gabriel García Marquez), além de remeter a uma literatura fantástica a se desvencilhar de uma época de ditadura, apresenta um interessante efeito do humor que é sua relação com os constantes apelos de Collor para que não o deixassem só: em campanha e depois, quando o processo de *Impeachment* alcançava seu auge. Conti (1999:576) expõe que Collor, num protesto contra as denúncias de “um derrotado” da *Veja*, encerrou seu discurso repetindo seu *slogan* da campanha eleitoral: “Não me deixem só!”.

- *A comédia humana* (Balzac) é o último título sugerido e evidencia as constantes “encenações” do presidente. Várias citações de grupos (cidade, amigos, ministérios, magos, negociadores) remetem a diversos discursos e incidem sobretudo sobre uma única pessoa e um único discurso: Collor e seu (des)governo.

4. CONCLUSÃO.

OS VÁRIOS ELEMENTOS CONTEXTUAIS, LEXICAIS E COESIVOS, INCLUINDO A ENUMERAÇÃO CAÓTICA DOS VÁRIOS TÍTULOS DE LIVROS, NOS FAZEM ACIONAR OS GATILHOS QUE LEVAM DE UM DISCURSO A OUTRO, E A APARENTE INCOERÊNCIA DESSA SITUAÇÃO VAI-SE DILUINDO NUMA COERÊNCIA PECULIAR: A IRONIA DOS VÁRIOS MOMENTOS DE HUMOR, MAIS OU MENOS DEPENDENTES, E SUSTENTADOS POR SCRIPTS QUE SE INTERPENETRAM OU NÃO. MAS, ACIMA DE TUDO, A COERÊNCIA É SUSTENTADA PELA INTERTEXTUALIDADE.

É evidente a conveniência de considerar uma análise dentro de um quadro teórico discursivo-enunciativo, sobretudo polifônico. Outra observação é quanto à força argumentativa de conscientização e denúncia desses textos, ironicamente reveladores de um mundo de interesses pessoais e corrupção. Nesse aspecto, parece-nos, tais textos serão sempre atuais (infelizmente).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. (1982) Hétérogénéité montrée et constitutive: elements pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, Paris, n.26, p. 91-151.

BAKHTIN, Mikhail. (1993) “O discurso no romance”. In: -. *Questões de Literatura e de Estética; a teoria do romance*. 3. ed. São Paulo: Unesp.

BARTHES, R. (1974) Verbete “Texte”. *Encyclopaedia Universalis*.

- BRAIT, B. (1996) *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Unicamp, (Coleção Viagens da Voz)
- CONTI, M. S. (1999) *Notícias do planalto; a imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das letras.
- DUCROT, Oswald. (1981) “As escalas argumentativas”. In:-. *Provar e dizer*. São Paulo: Global.
- _____ (1987) *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes.
- _____ (1989) Argumentação e ‘topoi’ argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (org.) *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes (Linguagem / Crítica)
- GUIMARÃES, Eduardo. (1987) *Texto e argumentação: um estudo das conjunções do português*. Campinas: Pontes.
- KOCH, I. G. V. (1987) *Argumentação e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- _____ (1993) A atividade de produção textual. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, 24: 65-73, jan-/jun.
- KOCH, Ingedore G. V. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1990) *A coerência textual*. São Paulo: Contexto (Repensando a língua portuguesa).
- MAINGUENEAU, D. (1993) *Novas tendências em análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes.
- RASKIN, V. (1987) Linguistic heuristics of humor: a script-based semantic approach. *International journal of the sociology of language*, 65 : 11-25.
- SOARES, Jô. (1992) *Humor nos tempos do Collor: Jô Soares, Veríssimo e Millôr Fernandes*. Porto Alegre: L&PM.

ANEXO

L'ANNÉE DERNIÈRE À ARAXÁ

Finalmente o presidente Collor, nosso mui querido chefe da nação, se recolheu a Araxá para o gozo de merecidas férias, que ninguém é de ferro, nem mesmo o presidente. Já tivemos várias vezes um PRESIDENTE EM EXERCÍCIO, mas é a

primeira vez que temos um PRESIDENTE EM REPOUSO. Conhecemos, isto sim, um vice em repouso que agora ficou em exercício. Como é dura a vida de um vice. A escolha do local de férias não poderia ter sido mais apropriada: Araxá, nossa Marienbad cabocla, onde o presidente ia quando criança, levado provavelmente à força por seus pais, já que em Araxá não há muita coisa para um menino irrequieto e cheio de energia fazer. Se o presidente tiver ido com seus filhos, fica claro o motivo da escolha: desforra. Em Araxá, o presidente pode se dedicar à leitura, com tempo para ouvir música e assistir a filmes em videoteipe. Talvez tenha ampliado até, inspirado em tão bucólica paisagem, que leva a profundas reflexões, suas preferências já manifestadas pela música sertaneja. Espero sinceramente, para que o repouso seja completo, que o presidente não tenha levado para a renomada estância hidromineral seus famosos aparelhos de ginástica nem corra de camiseta diariamente, transformando seu descanso em maratona.

Ao ver a fotografia do hotel que acolheu o nosso dinâmico chefe, não pude deixar de recordar o Baudelaire do “L’invitation au voyage”:

... Là, tout n'est qu'ordre et beauté,
Luxe, calme et volupté.

Sabendo que as férias são curtas, mas conhecendo a sua capacidade extraordinária de devorar informações, gostaria de sugerir alguns livros, que o presidente poderá ler ainda no domingo:

COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS — Dale Carnegie

O EMPALHADOR DE PASSARINHO — Mario de Andrade

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM — Constantin Stanislavski

A FOGUEIRA DAS VAIDADES — Tom Wolfe

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO — Marcel Proust

O MAGO — Paulo Coelho

TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE — C. Bernstein & B. Woodward

CEM ANOS DE SOLIDÃO — Gabriel García Márquez

O NEGOCIADOR — Frederick Forsyth

SE HOVER AMANHÃ — Sidney Sheldon

VIVA O POVO BRASILEIRO — João Ubaldo Ribeiro

LEVANTADO DO CHÃO — José Saramago

A CIDADE DAS REDES — Otto Friedrich

TENDA DOS MILAGRES — Jorge Amado

OS COMEDIANTES — Graham Greene

AMOR NOS TEMPOS DO CÓLERA — Gabriel García Márquez

E no vôo de volta, para passar o tempo, A COMÉDIA HUMANA, de Balzac.